

**“RICHTHOFEN: O ASSASSINATO DOS PAIS DE SUZANE”,  
TRAÇOS DA POLIFONIA BAKHTINIANA  
NO ROMANCE DE ROGER FRANCHINI**

*Carlos Roberto Ludwig (UFT)*

[carlosletras@uft.edu.br](mailto:carlosletras@uft.edu.br)

*Nivaldo Monteiro Camilo da Silva Bodnar (UFT)*

[nivaldomocasi@gmail.com](mailto:nivaldomocasi@gmail.com)

**RESUMO**

No Brasil, há casos emblemáticos de crimes violentos e cruéis que tiveram grande repercussão nacional, como o caso Richthofen. Esse caso gerou grande comoção pública, em que as pessoas, sobretudo o público da tv aberta, acompanhava o desenrolar das investigações como capítulos de um folhetim televisivo. Este artigo tem como objetivo investigar a presença de traços polifônicos no romance “Richthofen: o assassinato dos pais de Suzane”, de Roger Franchini, publicado no ano de 2011. O romance foi escrito a partir do caso policial que envolveu o brutal assassinato de Manfred e Marisia Richthofen, em outubro de 2002, planejado pela filha do casal, Suzane, e executado pelo então namorado dela, Daniel, e pelo irmão dele, Cristian. O caso ficou conhecido como Richthofen, alcançando as capas de jornais e os programas de televisão no Brasil e no exterior. A partir disso, busca-se analisar a presença de vozes sociais, com seus diferentes posicionamentos, pontos de vista e posturas ideológicas diversas. A obra (re)constrói ficcionalmente o enredo do crime, (re)fazendo a sequência de dias e de fatos. O corpus ficcional da pesquisa abarca o romance em estudo, e a fundamentação teórica traz à cena alguns conceitos-chave e reflexões conceituais baseadas em Bakhtin, Barthes e Compagnon.

**Palavras-chave:**

**Bakhtin. Romance contemporâneo. Traços polifônicos.**

**ABSTRACT**

In Brazil, there are noticeable crimes, involving violence and cruelty, that had immense repercussion nationwide, like the Richthofen one. This particular case produced a big social turmoil: the public, especially the one who watches broadcast TV, followed the unfolding of the investigation like if it were chapters of a soap opera. The paper's objective is to investigate the presence of polyphonic traces in the novel “Richthofen – the murder of Suzane's parents”, published in 2011 by Roger Franchini. The novel was written based on the crime that involved the brutal murder of Manfred and Marisia Richthofen, in October 2002, planned by their daughter, Suzane, and carried out by her ex-boyfriend, Daniel, and his brother, Cristian. This crime was known as “Richthofen”, and it reached newspapers' covers and television shows of Brazil and abroad. Building on this, it will be analyzed the presence of social voices, with their different stances, points of view and varied ideological positions. The work (re)constructs, fictionally, the crime's plot, recreating the sequency of days and facts. The “fictional” body of research encompasses the novel aforementioned, and in the theoretical body some key-concepts and conceptual reflections based on Bakhtin,

Barthes and Compagnon will be given.

**Keywords:**

**Bakhtin. Contemporary novel. Polyphonic traces.**

## **1. Introdução**

*“[...] as emoções que a literatura suscita são, talvez, eternas, mas os meios devem variar constantemente, mesmo que de modo levíssimo, para não perder sua virtude. Gastam-se à medida que o leitor os reconhece.”* (BORGES, 2007, p. 169)

Neste trabalho, busca-se analisar o romance “Richthofen: o assassinato dos pais de Suzane”, de Roger Franchini<sup>340</sup>, publicado em 2011, a partir do conceito de polifonia bakhtiniana, bem como evidenciar as vozes ideológicas presentes na obra, sobretudo em razão da independência que essas vozes possuem ao longo da narrativa. Essas vozes sociais possuem posicionamentos, pontos de vista e posturas ideológicas diversas.

A linguagem literária que liga o homem ao mundo, ou como nos ensina Barthes, faz girar os saberes.

[...] a literatura faz girar os saberes, não fixa, não fetichiza nenhum deles; ela lhes dá um lugar indireto, e esse indireto é precioso. Por um lado, ela permite designar saberes possíveis – insuspeitos, irrealizados: a literatura trabalha nos interstícios da ciência [...] (BARTHES, s.d, p. 23-4)

Em sua obra *Problemas da Poética de Dostoiévski*, Bakhtin (2002) escolheu justamente uma obra literária para teorizar sobre o dialogismo e a polifonia, devido à vocação do texto literário em ser predominantemente polifônico e assimilar a pluralidade discursiva e ideológica de um dado momento histórico.

No Brasil há casos emblemáticos de crimes violentos e cruéis que tiveram grande repercussão nacional, como o caso Richthofen, que gerou grande comoção pública, sendo acompanhado em tempo real pela mídia, conseqüentemente, também pela população consumidora dos meios de comunicação social.

---

<sup>340</sup> Roger Franchini atualmente é advogado, trabalhou durante seis anos como investigador da Polícia Civil de São Paulo.

## 2. Os conceitos de dialogismo e de polifonia em Bakhtin

O dialogismo é um termo utilizado por Mikhail Bakhtin, em sua teoria sobre como utilizamos a linguagem, ou seja, como interagimos com o discurso do outro (BAKHTIN, 1981, p. 276). Por esse olhar, Bakhtin considera que os discursos não são vistos isoladamente, mas em certo contexto, único, que não se repete, sendo considerados construções sociais.

[...] a noção de dialogismo continha uma abertura superior sobre o mundo, sobre o “texto” social. Se há dialogismo por toda a parte, isto é, uma interação social dos discursos, se o dialogismo é a condição do discurso, Bakhtin distingue gêneros mais ou menos dialógicos. Assim, o romance é o gênero dialógico por excelência. (COMPAGNON, 2001, p. 111)

O estudioso faz uma aproximação entre a enunciação de um falante e a enunciação de um criador/ produtor de literatura, enfatizando que ambos estão condicionados a diálogo e o utilizam em diferentes níveis. Em outros termos, aborda as modalidades discursivas internas do romance, que são dialogizadas nas quais se pode perceber as intenções e o ponto de vista do autor, do narrador e dos personagens.

O autor literário abre seu discurso ao outro, e nessa superação de uma primeira pessoa, um eu dono da palavra, está a marca ética do seu fazer. A enunciação literária ultrapassa de propósito o plano da pessoa física que está com a palavra enquanto autor. Sua voz deixa-se contaminar e tomar por outras. A voz do outro enquanto narrador é a primeira marca de alteridade de que imprime à linguagem literária. A segunda são os personagens. Não é o autor sozinho. Vão se desdobrando em vozes as inúmeras facetas, memórias, fundações, papéis. A multiplicidade e a diferença são assumidas e trabalhadas com estilo [...] (PAIVA *et al.*, 2007, p. 14)

Há uma forma de dialogismo considerada mais radical, em que não se privilegia apenas uma voz ou um ponto de vista no romance, em que todos os discursos e pontos de vista são postos em pé de igualdade, em um mesmo plano. Esse dialogismo mais radical ganha o nome de polifonia (ROMAN, 1992-1993, p. 208). A polifonia apresenta e confronta vozes múltiplas, alocadas todas no mesmo nível, tornando-se inviável qualquer subordinação recíproca.

Para Márcio da Silva Oliveira, a polifonia

[...] é um conceito emprestado por Bakhtin da teoria musical, para a qual o termo define uma técnica compositiva que objetiva produzir uma textura sonora específica, onde duas ou mais vozes se desenvolvem preservando um caráter rítmico e melódico independentes. É o contrário da monofonia, onde há a predominância de uma voz e, caso existam outras vozes, essas seguem em uníssono. (OLIVEIRA, 2013, p. 123).

Não é tarefa fácil abordar o conceito de polifonia e sua aplicabilidade no romance, nos moldes descritos e trabalhados por Bakhtin, em sua obra *Problemas da Poética de Dostoiévski*, sobretudo diferenciar na prática o romance polifônico do romance monofônico.

A noção de polifonia, então, é aqui entendida por meio do fenômeno social da interação verbal, como realidade fundamental constitutiva da linguagem e da consciência dos sujeitos. No movimento de interação social, os sujeitos constituem os seus discursos por meio das palavras alheias de outros sujeitos (e não da língua, isto é, já ideologizadas), que ganham significação no seu discurso interior e, ao mesmo tempo, geram as contrapalavras, as réplicas, ao dizer do outro, que por sua vez, vão mobilizar o discurso desse outro, e assim por diante. É então num emaranhado discursivo que se formam o discurso social e os discursos individuais. (PAIVA et al, 2007, p. 38)

Bakhtin toma o romance como um “microcosmo” da realidade, em que os personagens são autônomos, possuem diferentes posicionamentos, pontos de vista e posturas ideológicas diversas, ou seja, há tensão e confronto entre essas vozes e não há qualquer subordinação entre elas.

O contexto social concreto, no qual a prosa romanesca é construída, ressoa dentro do próprio discurso do romance, compreendido como uma diversidade social de linguagens organizadas artisticamente. (SIPRIANO; GONÇALVES, 2017, p. 65)

A polifonia é considerada uma tendência na prosa moderna e na contemporânea.

O primeiro passo na identificação de um romance polifônico é a busca pelo discurso predominante. Caso as vozes presentes no texto funcionem como um mecanismo para afirmar ou negar um discurso dominante, esse texto se encaixa no modo monofônico da escrita, mesmo que mantenha diálogo com outros textos. A própria existência de um discurso dominante elimina a possibilidade de polifonia do texto. O romance polifônico é caracterizado exatamente pela ausência desse discurso predominante, dessa ideologia para a qual todas as outras vozes confluem. (OLIVEIRA, 2013, p. 124)

A polifonia agrega muitas visões de mundo, as quais são provenientes de várias origens que, dialogicamente, têm origem no fenômeno social. Para Bakhtin, o termo voz ou vozes sociais apresenta um sentido metafórico, o qual pode ser compreendido a partir de um ponto de vista ou de uma postura ideológica (BUBNOVA, 2011, p. 276).

### **3. Traços polifônicos e as vozes ideológicas no romance *Richthofen: o assassinato dos pais de Suzane***

Franchini escreveu a obra em estudo no ano de 2011, usando como pano de fundo e como fio condutor da narrativa a investigação, os depoimentos dos réus do caso Richthofen e sua profunda experiência nos bastidores dos casos criminais. Por isso, o romance possui traços polifônicos, pois são várias vozes narrando de forma diferente os acontecimentos que antecedem o crime, a execução dele, bem como fatos posteriores a ele, cada um a partir de um ponto de vista de sua *verdade* sobre os fatos.

Como já mencionado, o romance foi escrito a partir do caso policial e do processo que envolveu o brutal assassinato de Manfred e Marí-sia Richthofen, em outubro de 2002, planejado pela filha do casal, Suzane, e executado pelo então namorado dela, Daniel, e pelo irmão dele, Cristian.

A obra (re)constrói ficcionalmente o enredo do crime, (re)fazendo a sequência de dias e de fatos, pelas vozes narrativas e pontos de vista de três policiais que participam da cena do crime, além dos muitos depoimentos ligados ao assassinato. Já nas primeiras páginas do livro, há um acordo ficcional deixado pelo autor ao seu leitor, explicitado na seguinte advertência: “Trata-se de um livro de ficção baseado em fatos. Qualquer semelhança é mera coincidência”.

O romance apresenta uma narrativa não linear e fragmentada, dividindo-se em 25 microcapítulos, alguns contendo apenas 2 a 3 páginas, sendo os mais longos com até 10 páginas. Todos possuem títulos<sup>341</sup> e alguns contêm epígrafes da obra *O homem delinquente*, de Cesare Lombroso<sup>342</sup> (1835-1909). Quando há epígrafe, ela dialoga com o narrado na-

---

<sup>341</sup> 1) A piada de Andreas; 2) Plantão noturno de 30/10/2002, no 27º do Distrito Policial da Capital – DPC; 3) Suzane e Daniel apaixonados; 4) Corpos de mãos dadas; 5) Grillfest de verdade; 6) Quem são as vítimas?; 7) Sobre a toalha de sangue; 8) A mão mole do delegado; 9) O horário do enterro; 10) Já era! Acabou!; 11) Uma semana para remoção de Eduardo; 12) Lamentos desconexos; 13) Um buldoguinho preto; 14) Adendo à oitava; 15) O cheiro do outro; 16) Crime político; 17) Campana; 18) A fazendária; 19) Um homem corajoso; 20) O pagamento do mês; 21) Policiais presos em flagrante; 22) Pílula-tragem de Polícia; 23) Café Photo; 24) Bênis na garganta; 25) Despertar entre gemidos.

<sup>342</sup> Cesare Lombroso foi professor universitário e criminologista italiano, nascido no dia 6 de novembro de 1835, em Verona. Seus estudos e teorias no campo da relação entre características físicas e mentais causaram polêmicas no mundo todo, mas também o fizeram

quele microcapítulo, em geral, o conteúdo refere-se aos assassinos confessos e ao assassinato em si, comonos microcapítulos: A piada de Andreas; Suzane e Daniel apaixonados; *Grillfest* de verdade; Já era! Aca-bou!; Policiais presos em flagrante; Despertar entre gemidos.

No romance Richthofen, o assassinato dos pais de Suzane aparece dividido em núcleos; assim, não há um personagem principal e não há um discurso predominante. Ao contrário, tem-se uma multiplicidade de consciências equipolentes<sup>343</sup>, em que todas as vozes participam do diálogo, sem nenhuma relação de superioridade ou de inferioridade, portanto, na mesma condição de igualdade.

A narrativa possui um narrador onisciente e onipresente, em 3ª pessoa, entremeada com discursos diretos, em 1ª pessoa, dos diversos personagens. Os personagens estão distribuídos em três núcleos principais: o núcleo dos investigadores (27º Distrito Policial da Capital), o núcleo da família Cravinhos e o núcleo da família Richthofen.

O celular de Suzane tocou por volta das dez e meia da noite de 30 de outubro de 2002. Era Andreas, seu irmão, chamando, conforme tinham combinado.

– Dormiram. Vem me buscar.

– Tem certeza?

–Claro. Apagaram como sempre. Já até chamei na porta do quarto, e nem deram sinal de vida.

Suzane achou graça da piada infame, mas involuntária, do irmão. Ela conhecia bem o bastante para saber que o garoto não seria capaz de construir a frase com o intuito de divertir naquele momento tão arriscado.

Quando sentia medo, Andreas carregava o semblante com aquilo que Manfred, o pai, chamava de *Herzlosigkeit*, um sentimento de aparente insensibilidade em relação ao mundo, que o ajudava a focar o problema e traçar objetivos para sua solução [...]

–A sua felicidade é mais importante que a do outro. Então, nunca hesite em magoar alguém para você ficar feliz. Só avalie qual o prejuízo patrimonial que isso poderá lhe trazer. – Palavras que os filhos nunca esqueciam. (FRANCHINI, 2011, p. 10)

O narrador, embora onisciente e onipresente, mantém-se a uma certa distância do narrado, pois revela-se autônomo, não se fundindo ao autor ou aos personagens, deixando algumas falas em discurso direto, conforme o excerto em que há um travessão na fala do narrador, “– Pala-

---

famoso. Maiores detalhes em <[http://www.cerebromente.org.br/n01/frenolog/lombroso\\_port.htm](http://www.cerebromente.org.br/n01/frenolog/lombroso_port.htm)>.

<sup>343</sup> Que possui o mesmo valor.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

bras que os filhos nunca esqueceriam” (FRANCHINI, 2011, p. 10), em que se percebe que sua voz se aproxima dos outros personagens e que não há autoritarismo ideológico por parte dele.

Esse narrador analisa as ações e ideologias dos outros personagens, entretanto não é um discurso dominante. Ele leva o leitor aos bastidores da investigação, com suas muitas tramas e pontas soltas, revelando os problemas familiares enfrentados pelos Richthofen, como o alcoolismo dos pais de Suzane e o ambiente familiar opressor e violento.

- Seu rosto está doendo, Su?
- Um pouco, mas já passou. Coloquei gelo. Ficou inchado, mas logo vai sumir.
- O pai não devia ter te batido. – Andreas sussurrava palavras de conforto, mesmo tendo certeza de que seus pais não acordariam. – Fique calma, vai dar tudo certo. A gente vai estar sempre junto, Su, porque você é a única pessoa que tenho na vida. (FRANCHINI, 2011, p. 10)

O romance possui uma constituição dialógica em que há o entrelaçamento de personagens, de discursos e de vozes sociais. Dessa maneira, forma-se um universo de vozes plenivalentes, ou seja, os personagens e suas vozes não apresentam uma visão dominante ou uma única ideologia, pois o narrador conduz o leitor para dentro do Distrito Policial e para seus muitos conflitos humanos e de convivência diária.

Não há um personagem central, todos têm pesos iguais e a trama é construída pelo crime e suas linhas de investigação. Apesar disso não ficar claro em todos os núcleos, há um destaque maior no núcleo dos investigadores. São vários personagens, porém os que mais aparecem nos microcapítulos são Eduardo, Rodrigo e Maurício.

Eduardo atua como investigador do caso, um homem já idoso, com poucos escrúpulos e de moral duvidosa. Possui uma história profissional ligada à falta de ética, aos conchavos, à corrupção e, constantemente, é assombrado pelas lembranças dos vários assassinatos cometidos por ele, sobretudo, durante o período da ditadura militar e em casos de queima de arquivo.

O leitor fica conhecendo os muitos delitos e crimes cometidos pelo investigador Eduardo, em rompantes de desabafo, durante bebedeiras ou em *flashes* de memória.

Em comparação com os colegas, Eduardo não conseguia levantar algo de concreto que rendesse um inquérito. A maioria das pessoas que ouvia como suspeitos não passavam disso, apenas suspeitos.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

– Uma playboyzada que decidiu lutar por outra ditadura. Eu gostava da minha, porra! Me deu emprego, casa, uma arma; o foda é que aquela criança não aguentava um pau de arara. Tinham o dedo mole para matar, mas se cavavam de medo de nós. Teve uma menina que levou só um tapa e apagou, lá no prédio da OBAN, onde hoje é o 36° DP. – Riu baixinho com a mão na frente da boca. – Era tão comunista que até seu cabelo era vermelho. Quando ela subiu no choque disse pra mim que o povo iria se vingar. A vadia estudava na USP, andava de carro dado pelo papai e me vinha com esse papo de povo. Povo! Ela podia começar a revolução registrando a carteira de trabalho da empregada que lavava suas calcinhas. Quando contava essa história sempre parava nesse exato ponto. Em certas ocasiões, principalmente naquelas em que as palavras eram embaladas pelo álcool, ia além e deixava escapar que a garota morreu com um soco que ele próprio desferiu. Na queda, a cabeça da menina atingiu a quina da mesa com violência, imprimindo parte da massa cerebral na madeira do móvel.

Dizia que o pai, médico, quando soube do desaparecimento da filha, alardeou no DP que ia reclamar com o coronel. E podia mesmo ter ido se Eduardo não tivesse lhe dado uma coronhada de calibre doze na testa enquanto ele gritava na delegacia. Pai e filha foram enterrados juntos em Perus. (FRANCHINI, 2011, p. 29-30)

Rodrigo, parceiro investigador, recém-saído da Academia de Polícia, ainda desarmado, mostra vontade de trabalhar e de aprender a atuar na profissão, mas sente-se perdido nas várias divisões da polícia civil e no traquejo da malandragem necessária ao exercício da profissão. Também, revela-se inescrupuloso e almeja uma oportunidade dentro da Polícia Civil para seguir a linha da corrupção e do crime, trilhada por Eduardo.

Eduardo ouviu o argumento de Rodrigo e achou justa a reivindicação dele.

– Tome, pode usar meu buldoguinho. Mas só use se for para matar alguém, porque é para isso que as armas são feitas. Ladrão não tem medo de arma, Rodrigo. Se for sacar, esteja pronto para disparar na cabeça. [...] Eduardo ficou surpreso com a cena: – Por que você anda com um coldre vazio na perna? – Eu estava esperando uma ocorrência que me desse uma arma fria qualquer. Quero ter uma vela, que nem seu revólver.

– Ele não é uma vela, menino. É um backup; uma segurança para quando essa porcaria da Taurus falhar. A vela tem que ser arma fria, raspada, sem chance de rastreamento. Quando você fizer alguma merda, põe a vela ao lado do morto e diz que a arma estava na mão dele, por isso você teve que matar o infeliz.

– Não é melhor jogar droga nele?

– Quanto de droga é preciso para configurar o tráfico? Um quilo? Dois? E do que? Maconha? Pedra? Pó? Não dá pra ficar andando com essa porcaria no bolso por aí enquanto se trabalha...melhor é ter uma arma fria. [...] Se for pra fazer errado, que faça errado direito. (FRANCHINI, 2011, p. 101-102)



## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Maurício, amigo de Eduardo, de velhos tempos, começaram juntos na polícia no DOPS. Em pouco tempo, Maurício conseguiu transferência para o Departamento de Narcóticos. Atua como chefe dos investigadores no DHPP. Eduardo procura por ele, buscando conseguir uma vaga para Rodrigo no departamento. Por meio de um *flashback*, conhecemos a história de como Eduardo e Maurício ficaram ricos em uma apreensão de drogas. Prado e Eduardo fizeram campanas para dar um flagrante de drogas. Prado era compadre de um chefão do PCC. Durante a apreensão, Prado tenta matar Maurício para ficar com a droga e é morto por Eduardo. Como queima de arquivo, Eduardo mata também o motorista do caminhão.

Próximo da uma hora da madrugada, Eduardo estava deitado no sofá da sala do chefe dos investigadores quando o telefone tocou. A telefonista anunciava a chegada ao departamento de um advogado que queria falar com o Maurício sobre uma ocorrência daquela noite na Fernão Dias. Eduardo o atendeu e disse que o colega estava indisposto.

– Vinte milhões, e o caminhão é seu, com tudo dentro – disse Eduardo, apressando-se em encerrar o assunto. O advogado apreciou a objetividade do investigador.

– Já pagamos para uns PMs rodoviários liberarem a carga numa base perto de Limeira. Esse valor pode ser negociado?

– Tem recibo de pagamento? Quem paga mal, paga duas vezes.

Acertaram o valor final em quinze milhões. Com o mercado cobrando cinquenta reais pelo grama da cocaína, o preço cobrado era justo. [...]

Em menos de uma semana foi publicada a remoção de Eduardo para o 27º DP e de Maurício para a Homicídios. Rigorosamente dividido o lucro apenas entre os dois tiras, ficaram ricos sozinhos, um ato imperdoável para os chefes...

Do incidente, restou para Maurício o deambular torto de passo recalitrante. Para Eduardo, um trinta e oito cano curto. (FRANCHINI, 2011, p. 112-113)

Sobre Rubens, este era delegado e recém-formado em Direito, novato na Polícia e passava os plantões estudando para um concurso do Ministério Público. Rubens, embora esteja no 27º DP, mostra-se uma voz dissonante. Ético, não se envolve em corrupção e conchavos políticos. Pode-se perceber esse fato no início da narrativa e quando o narrador descreve o delegado tomando o depoimento de Oscar, o comerciante que vendeu a moto a Cristian Cravinhos.

Até os poucos funcionários da chefia que foram trabalhar não perceberam a tensão no rosto de Rubens que, sozinho, tomava o depoimento de um homem há quase uma hora.

Ivan, o escrivão do plantão, foi o único que estranhou o pedido de seu delegado para que não fosse incomodado durante a conversa. Rubens não

era o tipo de policial que fazia acertos financeiros com investigados, por isso o pedido causava surpresa ao colega.

Pensou que, finalmente, o jovem delegado aprendera a trabalhar de verdade, e estava ganhando seu dinheiro como todos os outros policiais da corporação. Só não gostou de ter sido excluído das negociações. (FRANCHINI, 2011, p. 144)

O núcleo da família Richthofen apresenta cada membro da família: Suzane, 19 anos, estudante de Direito; seu irmão, Andreas, 15 anos; e os pais, Marísia, médica; e Manfred, alemão e engenheiro civil.

– *Grillfest* de verdade! – dizia Manfred. Ele gostava do sabor da picanha, mas reclamava de não encontrar carne de javali com corte adequado para ser grelhada. Ajoelhado no jardim, agrupava pedras em círculo que eram preenchidas com carvão.

– A Suzane vai terminar o curso de direito e morar na Alemanha com a gente. – Marísia parecia querer informar ao namorado da filha o destino daquele relacionamento.

[...]

– Sexta-feira, quando fomos jantar com o governador, toda a elite paulistana estava lá. Uma gente bonita, sofisticada, sabe? É preciso ter berço para chegar a essa educação. Não basta ter dinheiro. Por isso sempre tratamos nossa filha como uma princesa europeia. Assim, ela será tratada de igual para igual em qualquer parte do mundo. A gente precisa viajar bastante para o exterior para conhecer outras realidades, senão achamos que as coisas que os brasileiros fazem são normais. (FRANCHINI, 2011, p. 37-38)

O núcleo da família Cravinhos traz uma família desestruturada, apenas com o pai, senhor Cravinhos, ex-escrivão de um Fórum, aposentado; o filho mais velho Cristian, mecânico de motocicletas, que ganha algum dinheiro com pequenos consertos e negócios duvidosos na vizinhança; e Daniel, o filho mais novo, namorado de Suzane, que se dedica ao aeromodelismo.

Chama a atenção o uso constante de droga pelos irmãos Cravinhos e Suzane.

– Tem massa aí?

Aqui? Comigo? – Respondeu Cristian ao irmão. – Não, maluco. Mas tenho na vó. Vamos lá? Aproveitamos que ela está conversando com o pai. (FRANCHINI, 2011, p. 24-5)

Cristian e a namorada Virgínia também consomem drogas quando estão no sítio, e ele confessa o assassinato dos pais Suzane.

Após outro baseado, conformou-se com o distanciamento de Cristian. Era apenas um rascunho de homem assustado. [...] Depois do quarto cigarro de maconha, o estômago de Virgínia já reclamava por comida. Nes-

O romance apresenta conflitos individuais, diferentes relacionamentos familiares e relações de trabalho, desse modo, é possível perceber posturas diversas e, muitas vezes, divergentes. Pode-se observar que cada núcleo apresenta um tipo de linguagem, oscilando do coloquial à linguagem mais cuidada e culta. No entanto, em todos os núcleos há diálogos recheados de jargão profissional e palavras de baixo calão.

Cada núcleo apresenta várias vozes, com consciências e ideologias diferentes, permitindo ao leitor conhecê-las, fazendo aproximações e distanciamentos entre elas. Os personagens possuem especificidades profissionais, sociais, linguísticas, marcando a interação entre elas e o contexto, seja familiar ou profissional. Percebe-se claramente posições socioideológicas distintas nos personagens, bem como diferentes olhares sobre o ser, estar e se relacionar com o outro e o contexto ao seu redor. No entanto, eles não se submetem, por isso, são discursos plenevalentes.

A dimensão física e psicológica de cada personagem é dada pelo narrador e, às vezes, pelo discurso direto dos personagens, que, embora a narrativa não seja linear, dá um panorama dos porquês de alguns acontecimentos presentes, em geral, fruto de fatos do passado, como conchas, acertos de contas e dívidas de honra.

O romance retoma um tema que não é novo na literatura: o planejamento e a morte dos pais pelos filhos. Por exemplo, no mito de Electra<sup>344</sup>, descrito em tragédias, com pequenas variações de protagonismo e culpabilidade, ora de Electra, ora de Orestes no planejamento e na execução da morte da mãe, configurando-se como um matricídio. Outro exemplo, “Édipo Rei”, de Sófocles, em que o rei Laio havia ouvido do oráculo de Delfos que seu filho o mataria e se casaria com a mãe, a rainha Jocasta. Para que a profecia não se realizasse, o rei decide pela morte do menino. O menino é levado por um pastor que não o mata e acabadoando-o ao rei de Corinto, Políbio. Depois de descobrir que foi adotado, e em um surto de raiva, Édipo sai transtornado e acaba encontrando, ao acaso, o pai biológico que seguia em comitiva. Desconhecendo o parentesco e, por um mal-entendido, por precedência de ordem de passagem, naquele

---

<sup>344</sup> A primeira menção ao mito de Electra aparece em *As Coéforas*, de Ésquilo, na segunda peça da trilogia, intitulada *Oréstia*. Mais tarde, ainda na Grécia, Sófocles e Eurípedes escreveram a sua versão sobre o mito, em peças, ambas intituladas *Electra*.

caminho, Édipo acaba matando todo o grupo.

Quando o fato sai do mundo da literatura para figurar no mundo real, choca pela crueldade e pelo motivo torpe, como no casoda menina rica Suzane Von Richthofenque arquiteta e executa o assassinato de seus pais, supostamente em troca de liberdade para viver um romance e para obter aherança dos pais.

O romance retrata ficcionalmente o crime que gerou e ainda gera enorme comoção e muita especulação, tanto no tempo imediato do crime quanto nos seus desdobramentos ainda hoje, nas diversas saídas temporárias de Suzane, durante o Natal, o Dia dos Pais e o Dia das Mães, do Presídio de Tremembé-SP.

Para finalizar, a mídia e a população acompanharam e acompanham a vida de Suzane, dentro e fora do presídio, acompanhando seus romances, sua religiosidade e os diversos pedidos de liberdade condicional.

Esse interesse do público gerou um projeto com dois filmes<sup>345</sup>, intitulados “A menina que matou os pais”, com previsão de lançamento em 2020; e “O menino que matou meus pais”, também para o mesmo ano. A proposta dos dois filmes é que tenham a história contada cada um sob um ponto de vista, bem como perspectivas distintas.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. *The Dialogic Imagination*. University of Texas Press, 1981.

\_\_\_\_\_. *Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na Ciência da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1990.

\_\_\_\_\_. *Problemas da poética de Dostoievski*. Rio de Janeiro: Forense Editora, 2002.

---

<sup>345</sup> Os roteiristas e escritores de livros policiais, Ilana Casoy e Raphael Montes, em parceria com Marcelo Braga, produtor, Maurício Eça, diretor, desmembraram um projeto original de um filme único para transformá-lo em dois, que serão exibidos em sessões distintas, com previsão de lançamento para 2020. Cada filme trará um ponto de vista, o de Suzane Von Richthofen, e o de Daniel Cravinhos, com roteiros escritos a partir do depoimento e dos fatos relatados durante o julgamento.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

BARTHES, Roland. *Aula*. São Paulo: Cultrix, s.d.

BORGES, Jorge Luis. *Outras inquisições*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BUBNOVA, Tatiana. Voz, sentido e diálogo em Bakhtin. In: *Revista Bakhtiniana*. São Paulo, 6 (1): ag./dez. 2011.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

FRANCHINI, Roger. *Richthofen: o assassinato dos pais de Suzane*. São Paulo: Planeta, 2011.

LOMBROSO, Cesare. *O homem delinquente*. Trad. de Sebastião José Roque. São Paulo: Ícone, 2007.

OLIVEIRA, Marcio da Silva. Traços da polifonia bakhtiniana no romance brasileiro: O tempo e o vento, de Érico Veríssimo. In: *EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, I-lhéus, n. 5, p. 122-36, dez. 2013.

PAIVA, Aparecida; MARTINS, Aracy; PAULINO, Graça; VERSIANI, Zélia. *Literatura e Letramento: espaços, suportes e interfaces – O jogo do livro*. Belo Horizonte: Autêntica/CEALE/FAE/UFMG, 2007.

ROMAN, Artur Roberto. O conceito de polifonia em Bakhtin – o trajeto polifônico de uma metáfora. In: *Letras*, Curitiba, n. 41-12, p. 207-20, 1992-93. Editora da UFPR.

SIPRIANO, Benedita Franca; GONÇALVES, João Batista Costa. O conceito de vozes sociais na teoria bakhtiniana. In: *Relendo Bakhtin*, V. 5, n. 1, 2017.

SÓFOCLES. *Tragédias completas*. Trad. de José Vara Donado. Madrid: Cátedra S/A, 1985.

VIEIRA, Trajano. *Édipo Rei de Sófocles*. Apresentação de J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva; FAPESP, 2001.